

CALIL, E. Modalizações autonímicas como marcas de subjetividade em processos de criação. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

MODALIZAÇÕES AUTONÍMICAS COMO MARCAS DE SUBJETIVIDADE EM PROCESSOS DE CRIAÇÃO

Eduardo CALIL (Universidade Federal de Alagoas)

ABSTRACT: This work aims to describe and analyse marks of autonymie and autonymous modalization (Authier-Revuz) left in written and oral texts by scholars of 2nd grade of elementary school. For this, practical of textualization in classroom were filmed when the pupils, organized in pairs, would have to combine and write an only text.

KEYWORDS: autonymie; autonymous modalization; written and oral texts; practical of textualization in classroom.

1. Palavras iniciais

Neste trabalho pretendo discutir o funcionamento das autonímias marcadas pelas rasuras orais¹ presentes no “manuscrito oral” do poema intitulado “Quem vem me salvar”, escrito por dois alunos de uma 2ª série do Ensino Fundamental. Persegurei as pistas deixadas pelos *scriptores* ao longo da filmagem do processo de escritura em ato em que deveriam combinar e escrever um único texto, inscrevendo minha análise na perspectiva teórica aberta por Authier-Revuz (1995), em que todo dizer possui uma heterogeneidade que lhe é constitutiva; o que significa dizer que o sujeito encontra-se destituído do domínio de seu dizer e estruturalmente clivado pelo inconsciente (Lacan, 1966) e pelo interdiscurso (Pêcheux, 1983).

A heterogeneidade constitutiva é aquilo que escapa ao sujeito da linguagem, ou, como diz Authier-Revuz, “toda fala é determinada *fora* da vontade do sujeito” (Authier-Revuz, 1984: 26). Assumindo radicalmente a noção de *dialogia* formulada por Bakhtin (1963), ela entende o sujeito inscrito nesta relação de alteridade absoluta com a linguagem. A heterogeneidade constitutiva marca-se, na fala do sujeito, pelas não-coincidências que aí emergem: homonímia, ato falho, ambigüidade, mal entendido... tudo o que está do lado do não-um da comunicação. Trata-se de uma não-coincidência constitutiva do sujeito na linguagem.

Dizer isto supõe então que o sujeito funda-se nesta diferença, não havendo possibilidade de estar fora dela, nem de ter acesso a sua

dimensão, nem ao seu funcionamento, a não ser pelas bordas, pelas frestas, pelos índices que escorregam do processo enunciativo.

2. Autonímias, modalizações e rasuras

A configuração metodológica delineada neste estudo sobre os processos de escritura em ato lança uma cor particular sobre algumas formas de não-coincidência do dizer, na medida em que ela favorece, através da reflexividade da linguagem, o fato autonímico que guarda um lugar de extrema importância no desvendamento deste processo criativo a dois. Na reflexão autonímica “há um signo que se impõe como objeto, propulsionado à frente da cena (enunciativa) como ‘personagem’ ao qual o dizer faz referência, saindo aí de seu papel de engrenagem ordinária da maquinaria do dizer, condenado ao apagamento da realização de sua função ordinária de mediação.” (Authier-Revuz, 2003: 71).

A modalização autonímica, por sua vez, tem no fato autonímico um de seus elementos principais, sendo um dos vários fenômenos que mostram o funcionamento heterogêneo da linguagem². A modalização traz “no nível da enunciação, o desdobramento de um dizer que (...) se dobra de uma representação deste dizer, no qual se fala de uma palavra” (Authier-Revuz, 2003: 73). Este desdobramento releva de uma configuração enunciativa que inclui um retorno sobre o signo referido na enunciação e seu comentário.

Dentro de toda forma de modalidade autonímica manifesta-se a clivagem de um fato de recepção da enunciação, traindo o intervalo entre o enunciador e “suas palavras”, que são recebidas pelo próprio enunciador como separadas dele. É neste sentido que se pode dizer que na modalidade autonímica o signo é *empregado* e *comentado* ao mesmo tempo, mostrando uma não-coincidência do sujeito com seu próprio dizer. Esta não-coincidência – que afeta a posição de domínio e de intencionalidade “estratégica” do sujeito – deve ser elidida para que o sujeito se constitua como sujeito *de* linguagem. Esta elisão, este apagamento do não-um que atravessa o dizer do sujeito dá-se através da função de desconhecimento – desconhecimento pelo sujeito de que sua representação do dizer seja da ordem do Imaginário, ordem em que o sentido ganha unidade e se estabiliza.

Na análise que apresentarei, o retorno do *scriptor* sobre aquilo que se está combinando com o objetivo de escrever um poema aproxima-se, através das autonomias e das modalizações autonímicas que ocorrem no fluxo da interação verbal, daquilo que Authier-Revuz chamou de “dialogismo interlocutivo imediato” (1995: 212-215) ou “não-

coincidência interlocutiva” (2004:81-103). Este tipo de “não-coincidência” caracteriza-se por uma glosa que testemunha o encontro com o dizer do outro, uma forma de recepção efetiva das palavras do outro, às quais se reage, retomando-as, em uma segunda ocorrência, sobre o fio de seu discurso. (1995: 212).

O dialogismo interlocutivo imediato que se configura neste processo de *escritura em ato* tem, na produção de um texto escrito, seu objeto final: um poema. A autonímia, mobilizada através de rasuras orais e escritas, mais do que retirar um signo de seu “uso” ordinário, presente na fala do outro, fazendo dele um objeto do dizer, aponta para uma modalização em estado latente. Apesar dos enunciados dos alunos não apresentarem as estruturas morfossintáticas de glosas como “conforme você disse”, “no sentido próprio”, “a expressão X é...”, conservam um “ar de menção”, como diria Figueira³ (2003:193), ou, como irei defender, elas estão presentes enquanto virtualidades.

Estas rasuras indiciam, em última instância, um comentário reflexivo ou um comentário lingüístico sobre um signo, produzindo apagamentos, na medida em que, ao se negar uma formulação anterior, acrescenta aí algo a mais; um movimento paradoxal próprio da rasura já detectado por Grésillon (1994). Na rasura, o retorno do sujeito sobre o dizer e o escrito, visando reformulá-lo, refazê-lo, produz um apagamento da enunciação precedente e, ao mesmo tempo, traz um dizer que pode estar marcado pela modalização. Inseridos neste funcionamento, sujeito e sentido jamais escapam às não-coincidências que aí perpassam.

Sob este aspecto, associo algumas formas de rasurar e, particularmente, certas rasuras orais ao funcionamento meta-enunciativo da autonímia, de sorte que as marcas de apagamento que, no escrito podem indicar a substituição de um signo por outro, aqui se articulam às glosas de modalização autonímicas simplificadas, mas que têm, implicitamente, uma estrutura morfossintática complexa.

3. Entre rasuras e autonímias, algumas modalizações se estendem

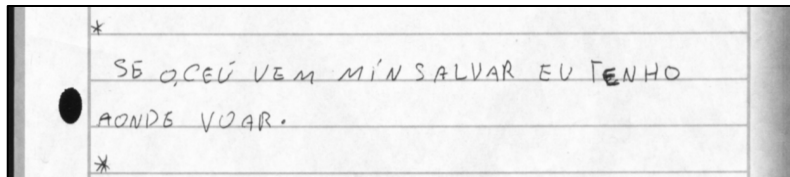
Relembro que, enquanto traço escrito, a rasura apresenta alguma semelhança com a reformulação oral, na medida em que ambas caracterizam-se por um “retorno sobre” aquilo que foi dito ou escrito. A análise dos enunciados que marcam este “retorno”, no processo de escritura em grupo de dois, deixa transparecer a opacidade do sentido através das manifestações orais e dos confrontos, imaginários, entre os interlocutores. A metodologia utilizada para a coleta de dados potencializa a não-coincidência do dizer neste processo co-enunciativo,

CALIL, E. Modalizações autonímicas como marcas de subjetividade em processos de criação. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

cujo enfoque incide sobre os efeitos dos enunciados produzidos ao longo da interlocução que aí se consolidou, tendo sempre em vista seu ponto de chegada, a saber, o texto efetivamente escrito. Aqui, mais especificamente, analisarei as rasuras orais considerando as autonímias produzidas, alterando, delineando e explicitando as tensões, não entre os interlocutores, mas, prioritariamente, entre o *scriptor* e as formas de representação da enunciação em relação ao que está sendo escrito.

Estou partindo da hipótese de que as rasuras orais presentes no jogo enunciativo estabelecido entre os interlocutores são mobilizadas por forças múltiplas que atuam no funcionamento lingüístico-discursivo e indicam que a negociação de sentido entre eles é, de fato, um efeito do modo como estas forças interferem no processo de escritura, ou, como Authier-Revuz diz, esta negociação “consiste em reconhecer, nesse dizer, o jogo do não-um, mas ao modo da *denegação*, pela representação que dele é dada – a de um acidente, uma falha local, preservando e até reafirmando assim, nos próprios lugares em que ele é questionado, o fantasma da coincidência de UM, necessário ao sujeito falante.” (Authier-Revuz, 2004:85-86) .

Destacando o fato autonímico, através das rasuras orais, e procurando revelar como estas autonímias podem gerar certas formas meta-enunciativas que interferem na criação do poema “Quem vem me salvar” escrito por Maria⁴ e por Valdemir⁵, discutirei o processo de escritura em ato que gerou sua 3ª estrofe⁶.



SE O CÉU VEM ME SALVAR
EU TENHO AONDE VOAR.

CALIL, E. Modalizações autonímicas como marcas de subjetividade em processos de criação. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

O diálogo mostrará o “manuscrito oral” estabelecido durante o processo de escritura desta estrofe.

FRAGMENTO 1

1. MARIA: (COMEÇANDO A DITAR A 3ª. ESTROFE)
- *Se o céu vem me salvar...*
2. VALDEMIR: - *...eu vou voar...*
3. MARIA: - *Eu tenho onde voar!*
4. VALDEMIR: - *Se o céu... vem me salvar...*
5. MARIA: - *... eu tenho onde voar... se o mar vem me salvar...*
6. VALDEMIR: - *eu vou me afo...*
7. MARIA: (FALANDO QUASE
SIMULTANEAMENTE A VALDEMIR) - *me afogar...*
8. VALDEMIR: (COM ENTUSIASMO) - *bora fazer esse...*
9. MARIA: - *Se... se o céu vem me salvar...*
10. VALDEMIR: - *Não! Se o mar!*
11. MARIA: - *Eitá! Se o céu... primeiro...*
12. VALDEMIR: - *E o ‘céu’ é como?..*
13. MARIA: - *Se o céu vem me salvar... eu tenho onde voar...*
14. VALDEMIR: - *Aonde? ‘Voar’ como? No avião?!...*
15. MARIA: - *‘Voar’... livre... como um passarinho...*
16. VALDEMIR: - *Criar asa?...*
17. MARIA: - *É criar asas e voar... não só voa se tem asa...*
18. VALDEMIR: - *Bora fazer logo o mar...*
19. MARIA: - *Não! O céu...*
20. VALDEMIR: - *Tá sem sentido...*
21. MARIA: - *Tá com sentido sim...*
22. VALDEMIR: - *Se o céu...*
23. MARIA: - *...vem me salvar eu tenho onde voar... tá com sentido sim...*
24. VALDEMIR: - *Vou botar mai... acho que... se[se o céu⁷]... se o céu... vem[**vem**]...*
25. MARIA: - *...me salvar...*

CALIL, E. Modalizações autonímicas como marcas de subjetividade em processos de criação. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

26. VALDEMIR: (ESCREVENDO [**min salvar**]) -
...eu[**eu**]... [**tenho**] (MUDANDO DE LINHA.)
27. MARIA: - *Tenho... onde voar.*
28. VALDEMIR: (ESCREVENDO [**aonde voar**]) - *voar...*
(ACRESCENTANDO UM PONTO FINAL APÓS
[**voar.**] E O ASTERISCO NA LINHA
DEBAIXO.)
29. MARIA: -...*se o céu... vem... (CORRIGINDO-SE) se o
mar...*
30. VALDEMIR: - *Se o... (LENDO) se o céu vem me
salvar...*
31. MARIA e VALDEMIR: (LENDO JUNTOS) -...*eu
tenho aonde... aonde voar...*

Valdemir, responsável por grafar o que vai combinando com Maria, propôs “- *eu vou voar.*” (turno 2), ao continuar o verso “- *se o céu vem me salvar.*” enunciado por sua parceira. A pequena reformulação deste verso feita por ela no exclamativo turno 3 (“- *eu tenho onde voar!*”) resgata o paralelismo sintático da estrofe anterior “se a terra vem me salvar / eu tenho onde morar”. Logo em seguida, Valdemir, no turno 6 (“- *se o mar vem me salvar...*”) e Maria, turno 7, (“- *eu vou me afogar.*”) já antecipam o que será a 4ª e última estrofe do poema. Este jogo de vozes entre Maria e Valdemir tem um lugar fundamental no processo de criação do poema. Há uma “bivocalidade⁸” neste processo cujos enunciados se misturam e se enlaçam delineando um só verso, estabelecendo um único texto.

É por esta razão que posso dizer que os versos escritos ao longo deste ato escritural são constituídos através de um funcionamento co-enunciativo em que os dizeres múltiplos se apagam. Nos turnos que vão se desfiando ao longo do processo interativo as vozes se complementam, se confundem e, por vezes, buscam se diferenciar. O único texto que está sendo escrito tem como ingrediente particular de sua composição este jogo de vozes que, em última instância, se fundem, eclipsando do funcionando deste processo de escritura em ato sua dimensão “bivocal”.

As autonímias que se registram neste poema escrito a duas vozes velam a opacidade do dizer, explicitando, em sua superfície, uma contenda entre Valdemir e Maria. Ele, ao dizer, no turno 8, “- *bora fazer este.*”, refere-se à estrofe “se o mar vem me salvar / eu vou me afogar” dito por eles precedentemente nos turnos 5, 6 e 7. A referência à escrita

CALIL, E. Modalizações autonímicas como marcas de subjetividade em processos de criação. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

desta estrofe fica mais explicitada no turno 10, quando fala “- *não! Se o mar!*”, fortalecendo uma interpretação que atribuiria ao processo interacional o caráter negociável do sentido e das intenções comunicativas dos interlocutores. Principalmente se observar que Maria diz: “- *Eitá! Se o céu... primeiro...*” (turno 11).

Todavia, o que se passa entre os turnos 12 a 17 embaralha a transparência do dizer e intencionalidade desta aparente negociação, mostrando as não-coincidências entre as palavras com elas mesmas e a disjunção do sujeito ao seu próprio dizer. Como se quisesse “defender” a presença de “mar” no lugar de “céu”, que curiosamente havia sido aceito no turno 2 ao dizer “- *...eu vou voar.*”, Valdemir interroga “- *...e o céu é como?..*” (turno 12). Explicar o retorno e a menção desta palavra através de sua pontuação e a solicitação que segue a ela, como uma simples demanda de explicação ou descrição do “céu” exigida por Valdemir, não parece ajudar a entender a tentativa de delimitação dos sentidos do verso “se o céu vem me salvar / eu tenho onde voar”. Este retorno de “céu” e sua interrogação indiciam que sua enunciação tem a ver menos com uma intenção em escrever estes versos após a escrita dos versos “se o mar vem me salvar / eu vou me afogar”, do que com as relações entre “céu” e “voar” e os sentidos que aí ganham. No contexto lingüístico em que este enunciado ocorre, o “desacordo” entre eles se estende para outras direções que colocam em suspenso sua dimensão comunicacional.

O estranhamento de Valdemir continua no turno 14, agora com uma maior explicitação, porém substituindo “céu” por “voar” e reformulando sua objeção precedente. Ao enunciar “- *Aonde? ‘Voar’ como? No avião?!?*” não se estaria sinalizando uma perplexidade diante dos sentidos que emanam do verso “se o céu vem me salvar / eu tenho onde voar”? O que estaria sendo questionado? O que estas retomadas demandam?

Se aparentemente estas perguntas podem surgir como uma forma simplificada de argumentação e resistência contra a escrita deste verso, tentando negociar a entrada do verso “se o mar vem me salvar / eu vou me afogar”, a retomada interrogativa dos signos “céu” e “voar” parece camuflar inquietações como: “você está usando a palavra ‘céu’ em que sentido?”, “você entende ‘céu’ como se fosse um ‘lugar para voar’?”, “o que você quer dizer com ‘céu’?” ou, ainda, “você não acha que as palavras ‘céu’ e ‘voar’ ficam estranhas no verso ‘se o céu vem me salvar / eu tenho onde voar’?”

Isto talvez fique mais claro ao se acompanhar a continuidade do diálogo. Maria, ao responder e explicar o termo “voar”, confronta-se com

CALIL, E. Modalizações autonímicas como marcas de subjetividade em processos de criação. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

sua dimensão semântica. Ela tenta contê-la dizendo: “- ‘Voar’... livre... como um passarinho...” (turno 15). Esta metáfora restringe o uso de tal termo, mas, ao mesmo tempo, abre outras direções. Sua enunciação, ao retomar em eco este signo do enunciado anterior de Valdemir, deixa latente um comentário reflexivo que indica o funcionamento da não-coincidência da palavra com ela mesma: “- eu estou querendo dizer ‘voar’ no sentido de ‘ser livre como um passarinho’.”.

Uma das direções abertas pelo que disse Maria está na metonímia “passarinho → asas” estabelecida por Valdemir: “- Criar asa?...” (turno 16). Porém, este enunciado faz Maria produzir outros dois enunciados, cujo encadeamento parece fortalecer a metáfora do turno 15 e ampliar o sentido de “voar”: “- É... criar asas e voar... não só voa se tem asa...” (turno 17). Para Valdemir, através do encadeamento “voar – passarinho – asas”, há um sentido que transborda do termo “voar” que parece dificultar a fixação deste verso no poema.

É interessante observar como, de um lado, as perguntas de Valdemir tentam amarrar os sentidos dos termos “céu” e “voar” em uma certa direção; quero dizer, elas demandam uma descrição: “o céu é como?”, “voar aonde?”, “voar como?”, “voar de avião?”, “criar asas para voar?”. Maria, ao responder à sua perplexidade e conter sua demanda, revela sentidos outros, produzindo, ainda que de forma pouco explícita, comentários sobre os sentidos destes termos nos versos propostos. A cada enunciação novos dizeres ameaçam a unidade do que já foi dito, como os turnos 15 e 17 deixam a ver. É necessário que este movimento seja contido, se ancore em algum ponto do dizer, fazendo uma figuração imaginária do sentido.

Ainda vale dizer que há uma espécie de alternância entre os incômodos do sentido que afetam estes *scriptores*.

A singularidade deste processo está tanto na escritura a “duas vozes” quanto no modo como se instaura a subjetivação destes alunos. Esta dimensão não pode ser reduzida às transparências comunicacionais de enunciados de Valdemir em que se prefere escrever primeiro um e depois outro verso: “- ...bora fazer esse...” (turno 8), “- não! Se o mar!” (turno 10) e “- bora fazer logo o mar!” (turno 18).

O problema é da ordem do sentido, da unidade do verso e do poema. Como indicam os comentários meta-enunciativos “- Tá sem sentido.” (Valdemir - turno 20) ou “- tá com sentido sim...” (Maria - turno 21), os enunciados anteriores trazem mais do que uma autonímia em que se pontua um signo do enunciado do outro, fazendo apenas menção do seu uso. Eles indicam que o verso “se o céu vem me salvar / eu tenho

CALIL, E. Modalizações autonímicas como marcas de subjetividade em processos de criação. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

onde voar” traz um desencontro entre os sentidos que exala, deixando latentes, naqueles enunciados, formas de modalizações que tentam conter estes sentidos.

Isto é a fachada imaginária do dizer. A questão não é exatamente escrever este ou aquele verso, mas o modo como aí - e é preciso entender este dêitico em referência a toda dimensão processual deste ato de escritura - o sentido se constitui e como as autonímias interferem neste processo de criação, revelando a face opaca do dizer, sua não-coincidência consigo mesmo e com o dizer do outro. A reflexividade e a bivocalidade são fenômenos constitutivos deste processo interacional, uma vez que favorece o aparecimento das autonímias e formas de modalização, traçando vielas, constituindo sentidos, tecendo a memória escritural do poema. Esta orquestração a duas vozes compõe uma partitura em que as notas deixam os tons de um percurso que o manuscrito escolar final não guarda como as pegadas sobre a areia de um deserto em ventania.

4. Uma enunciação “bivocal”, dois sujeitos não-simetrizáveis

Neste processo de escritura em ato, coloca-se em cena possibilidades de outros dizeres, de outras formas de dizer através de um movimento retroativo do *scriptor* sobre a própria linguagem, sobre o próprio dizer ou, ainda, sobre o dizer de seu interlocutor. A rasura, tanto oral quanto escrita, indicia que o sujeito, em algum momento do processo de escritura, interrompeu o percurso para voltar-se sobre aquilo que foi dito ou escrito, para anular, substituir, deslocar, acrescentar, dizer de outro modo algo que já havia falado ou escrito.

É a partir das não-coincidências interlocutivas entre Valdemir e Maria que pude analisar as rasuras orais e seu estatuto no seio do processo de criação de um poema. No plano metodológico, a análise repousa sobre a comparação entre as rasuras orais ocorridas até o momento em que escrevem o texto final. No plano teórico, defendo que estas rasuras orais relevam, na base de seu funcionamento, do fenômeno enunciativo próprio das autonímias e das modalizações autonímicas, cujo desvendamento permite iluminar o percurso do processo de criação de um poema em contexto escolar e dos sentidos que entram aí em jogo.

As rasuras orais colocam em evidência os efeitos da própria linguagem sobre estes sujeitos. Poderia dizer que, imaginariamente, os versos “se o céu vem me salvar / eu tenho onde voar” propostos por Maria, trazem colorações diversas para Valdemir que se espalham pelos traços de seu processo de escritura, contaminando os sentidos aí

CALIL, E. Modalizações autonímicas como marcas de subjetividade em processos de criação. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

mobilizados. Quando ele diz “- *Aonde? ‘Voar’ como? No avião?!... (...)* *Criar asa?... (...)* *Tá sem sentido...*” (fragmento 1 – turnos 14, 16 e 20) há desencontros semânticos em que as palavras, ao voltarem-se sobre si mesmas, exploram suas faltas e explodem em suas falhas.

Ainda que não haja uma explicitação mais complexa nos dizeres destes alunos, ao comentarem os sentidos dos versos criados, ficando suas glosas restritas às expressões como “- *tá sem sentido*”, suas autonímias e modalizações mostram a dinâmica do processo de escritura em ato a duas vozes. As resistências que se produziram revelam a face imaginária do sentido em que se busca o Um do texto, em que se impõem formas mais estabilizadas do dizer. É deste lugar que se fala em “negociação” de sentidos no processo de escritura a duas vozes (Plane, 2001), mas, como tentei mostrar, esta negociação esconde uma dupla impossibilidade constitutiva de todo dizer, a saber, impossibilidade do sujeito coincidir consigo mesmo e com seu próprio dizer.

Aqui, a “negociação” toma o sentido dado pela teoria enunciativa sustentada por Authier-Revuz:

se o *fato* da não coincidência é estrutural, (...) na *teoria*, qualquer abordagem dependente de um UM da comunicação, não menos estrutural, é, *para o sujeito falante*, o necessário desconhecimento que ele tem desse fato, condição – a de um imaginário de coincidência interlocutiva – para que um discurso possa ser produzido “ao abrigo” do sentimento permanente do distanciamento, da falha que o atravessa. (Authier-Revuz, 2004:87-88)

Assim, no processo interlocutivo ora em tela, pude mostrar a forte presença do Imaginário, exercendo uma força de coesão, buscando assegurar o Um da comunicação, a unidade do dizer, re-encaminhando aquilo que está sendo escrito para fazer novos sentidos em outros lugares. Este imaginário de uma co-enunciação, caracterizada também como uma enunciação “bivocal”, por mais calculada e intencional que ela possa ser, é fundamentalmente marcada pelo não-um, em que se inscrevem dois sujeitos radicalmente não-simetrizáveis.

NOTAS

¹Análises mais detalhadas e extensas sobre o funcionamento da rasura oral em processos de escritura em ato podem ser encontradas em Calil & Felipeto (2001), Felipeto (2003) e Calil (2003).

CALIL, E. Modalizações autonímicas como marcas de subjetividade em processos de criação. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

² Segundo Authier-Revuz (1995) a “heterogeneidade mostrada” pode se manifestar através das aspas, do discurso direto, da citação, da ironia, das glosas meta-enunciativas, etc.

³ Vale apontar o trabalho de Figueira (2003), o qual analisa, também considerando os estudos de Authier-Revuz, as glosas enunciadas por duas crianças de 2 a 6 anos de idade. Buscando mostrar a propriedade reflexiva da linguagem e a capacidade que têm as crianças nesta faixa etária em produzir autonímia, Figueira classifica-as em quatro tipos: 1) retificações, réplicas; 2) palavras interditas; 3) definições; 4) comentários sobre casos de não-coincidência.

⁴ Maria contava com onze anos e sete meses no mês em que foi realizada esta filmagem.

⁵ Valdemir contava com doze anos e nove meses.

⁶ Como meu objetivo aqui está em mostrar o modo como os alunos constroem “sentidos” para o poema, apresentarei após os fragmentos dos manuscritos escolares, sua transcrição normativa.

⁷ O que está escrito entre colchetes representa exatamente o que e como o aluno escreveu naquele momento.

⁸ Estou propondo esta noção para dar conta de um fato empírico, isto é, neste processo interacional há dois alunos que conversam sobre o que irão escrever no texto. São duas vozes para fazer um texto. Este termo deve portanto ser entendido como uma forma de nomear tal fenômeno de escrita “a dois”, separando-se claramente da noção de “heterogeneidade constitutiva” de todo e qualquer dizer, como proposta por Authier-Revuz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline (1984) “Heterogeneidade(s) enunciativa(s)” *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 19: (25-42), Campinas: IEL, 1990.
- _____, Jacqueline (1995) *Ces mots qui ne vont pas de soi. Boucles réflexives et non coïncidences du dire*. Paris: Larousse (coll. Sciences du langage).
- _____, Jacqueline (2003) *Parles des mots: le fait autonymique en discours*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle.
- _____, Jacqueline (2004) Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre (RS): EDIPUC.
- BAKHTIN, Mikail (1963) *La poétique de Dostoievski*. Seuil, 1970.
- CALIL, Eduardo (2003) “Processus de création et ratures: analyses

CALIL, E. Modalizações autonímicas como marcas de subjetividade em processos de criação. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

d'un processus d'écriture dans un texte rédigé par deux écoliers". *Langages & Société, Ecriture en acte*, 103. (31-55). Paris.

CALIL, Eduardo & FELIPETO, Cristina (2001) "Entre o oral e o escrito: as posições de sujeito nas rasuras" *Letras de Hoje*, 125. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/Curso de Pós-Graduação em Letras (347-353).

FELIPETO, Cristina (2003) *Rasuras entre o oral e o escrito: o equívoco nas alterações*. Tese de doutoramento (inédita). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas.

FIGUEIRA, Rosa Attié (2003) "La propriété réflexive du langage: quelques manifestations du fait autonymique dans l'acquisition du langage" In: Jacqueline Authier-Revuz et alii (éds.) *Parles des mots: le fait autonymique en discours* (193-204). Paris: Presses Sorbonne Nouvelle.

GRÉSILLON, Almuth (1994) *Eléments de Critique Génétique: lire les manuscrits modernes*. Paris: Presses Universitaires de France (PUF).

LACAN, Jacques (1966) *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

PÊCHEUX, Michel (1983) *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990.

PLANE, Sylvie (2001) "Problème de définition et négociations sémantiques dans la rédaction à deux d'un texte argumentatif". In: Marie-Madaleine de Gaulmyn; Robert Bouchard & Alain Rabatel (éds.) *Le processus rédactionnel. Ecrire à plusieurs voix* (129-146). Paris: L'Harmattan.